

## Sobre o estatuto de -nte: evidência de um continuum flexão-derivação para a mudança morfológica do latim ao português

About the status of -nte: evidence of a continuum inflection-derivation  
to the morphological change from Latin to Portuguese

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i1.30736>

*Carlos Alexandre Gonçalves*

Professor Titular da UFRJ (Departamento de Letras Vernáculas). Graduado em Letras pela UFRJ. Mestre em Linguística pela UFRJ. Doutor em Linguística pela UFRJ. Pesquisador I do CNPq.

E-mail: [carlexandre@bol.com.br](mailto:carlexandre@bol.com.br)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3672-3852>

*João Carlos Tavares da Silva*

Professor do CEDERJ. Graduado em Letras pela UFRJ. Mestre em Letras Vernáculas pela UFRJ. Doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ. Bolsista de Pós-doutorado da CAPES.

E-mail: [tavares.jct@gmail.com](mailto:tavares.jct@gmail.com)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2646-3981>

## RESUMO

Neste artigo, procuramos checar o estatuto morfológico de *-nte*, observando, através de critérios empíricos que tradicionalmente diferenciam a flexão da derivação, se houve mudança em seu percurso, do latim ao português. Pretendemos, com isso, validar a proposta de *continuum* flexão-derivação, mostrando que a mudança morfológica constitui importante evidência empírica de que a diferença entre essas duas áreas da morfologia não é discreta. Nesse intuito, fazemos um trajeto dessa unidade morfológica do latim ao português, sem deixar de contemplar o latim vulgar e o português arcaico. Nossos dados são todos de fontes secundárias, pois partimos de análises já feitas sobre a partícula em perspectivas diferentes da nossa.

**Palavras-chave:** Morfologia. Sufixo *-nte*. *Continuum* flexão-derivação. Mudança linguística.

## ABSTRACT

In this paper, we try to check the morphological status of *-nte*, observing, through empirical criteria that traditionally differentiate the inflection of the derivation, if there was a change in its path from Latin to Portuguese. Thus, we intend to validate the proposal of inflection-derivation *continuum*, showing that the morphological change constitutes important empirical evidence that the difference between these two areas of morphology is not discrete. To this, we make a path of this morphological unit from Latin to Portuguese, while contemplating vulgar Latin and archaic Portuguese. Our data come from secondary sources, because we based on analyzes already done about this particle in perspectives theoretical different from ours.

**Key-words:** Morphology. *-nte* suffix. Inflection-derivation. *Continuum*. Linguistic change.

## Palavras Iniciais

São basicamente dois os objetivos deste artigo: (a) traçar o percurso histórico de *-nte*<sup>1</sup>, que culminou em sua saída da flexão, em latim, para a derivação, em português; e (b) mostrar que a mudança de estatuto morfológico reforça a proposta de *continuum* flexão-derivação, nos moldes de Bybee (1985). Com base em Booij (2010), propomos um esquema que representa possíveis mudanças / reestruturações de *-nte* no componente morfológico.

Joseph (1998) reacende o interesse por abordagens morfológicas de cunho histórico, mostrando que essas podem (1) validar proposições de natureza teórica, (2) entender melhor as estruturas morfológicas de uma língua e (3) justificar usos aparentemente irregulares. No presente artigo, reforçamos a ideia de *continuum* entre as duas principais áreas da morfologia (GONÇALVES, 2005), ao mesmo tempo em que justificamos a existência de muitas formas X-*nte* com bases sem livre-curso na língua e apontamos as restrições de aplicabilidade do agora sufixo agentivo.

O artigo se estrutura da seguinte maneira: na próxima seção, com base no depoimento de gramáticos latinos e linguistas que dedicaram alguma atenção ao tema, analisamos o comportamento do chamado particípio presente, analisando algumas propriedades que fazem das terminações *-ns* e *-nt* desinências verbais, ou seja, legítimas unidades da flexão. Na seção 3, traçamos algumas notas sobre o comportamento dessa categoria flexional no latim vulgar para, na sequência, observar se se manifesta por flexão no português arcaico. Finalizamos o trabalho voltando-nos para o português moderno e contemporâneo, concluindo que *-nte* hoje constitui sufixo produtivo na formação de agentivos e adjetivos. Nossos dados são todos de fontes secundárias, pois partimos de análises já feitas sobre a partícula *e*, com base nelas, confeccionamos nossos *corpora* (tanto do latim quanto do português), conforme explicitamos ao longo da análise.

### 1. O particípio presente latino

Além do infinitivo, do gerúndio e do particípio passado, também o particípio presente (doravante PPres) integrava o rol das formas nominais do verbo latino. Do ponto de vista morfológico, o PPres é constituído do tema do *infectum* (modo de ação incompleta) seguido da desinência *-nt-*, acrescentando-se a esta as desinências de nomes de tema em *-i*. A seguir, elaboramos

---

<sup>1</sup> Utilizaremos a forma *-nte* em referência ao sufixo deverbal do português. Para a desinência latina, reservamos a forma *-nt* (apesar de existir a variante *-ns*, como descreveremos adiante).

um quadro com exemplos de cada conjugação, indicando as desinências do nominativo e do genitivo singular:

Quadro 1 - Distribuição do PPres por conjugação.

Conjugação	Base	Nominativo	Genitivo
1 <sup>a</sup>	lauda	-ns	-ntis
2 <sup>a</sup>	dele	-ns	-ntis
3 <sup>a</sup>	leg-e	-ns	-ntis
4 <sup>a</sup>	audi-e	-ns	-ntis

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar, a desinência *-nt-*, quando empregada no nominativo singular, submete-se a uma regra fonológica de abrandamento da oclusiva alveolar /t/, o que leva à sua realização como sibilante, /s/, alternância ainda vigente no português contemporâneo: *paciente* >> *paciência*, *aparente* >> *aparência*. Nesse caso, o PPres terá sempre o nominativo em *-ns*, forma que, por ser menos geral, pode ser considerada alomorfe de *-nt*. Nos verbos da 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> conjugações, o PPres traz a vogal de ligação, *-e-*, entre o tema e a desinência: *capīe-ns*, *leg-e-ns*, *tribū-e-ns*, *audī-e-ns*. No Quadro a seguir, vemos que o PPres latino varia em número e caso, servindo a mesma forma para os três gêneros (masculino, neutro e feminino):

Quadro 2 - Distribuição do PPres por caso e número.

Caso	Singular	Plural	Função
Nominativo	amans	amantes	suj. ou pred.
Acusativo	amantem	amantes	obj. dir.
Ablativo	amante	amantibus	adj. adv.
Dativo	amanti	amantibus	obj. ind.
Genitivo	amantis	amantium	adj. adn.
Vocativo	amans	amantes	interpelação

Fonte: Elaboração própria.

Sintaticamente, o PPres funciona como adjunto, pois modifica um substantivo ou um pronome. Por isso mesmo, concorda com o núcleo em número e caso, mas é invariável quanto ao gênero. Nesse sentido, denota estado ou qualidade de pessoa ou coisa, como se observa em (01), extraído de Fava (1998, p. 42), em que *proficientia*, “não eficientes”, vincula-se a *uerba*, “palavras”, concordando com essa forma no nominativo plural neutro, *-ia*, funcionando como atributo desse substantivo.

- (01) Verba miser frustra non **proficientia** perdo.  
[Infeliz, gasto em vão minhas palavras não eficientes]

É consensual entre os gramáticos latinos o fato de o PPres apresentar-se como adjetivo, estabelecendo, indiretamente, relação de concomitância temporal com o verbo da oração principal (FAVA, 1998). Em construções como (02), também retirada de Fava (1998, p. 56), o PPres atribui um estado ao sujeito, além de estabelecer o modo como esse sujeito realiza a ação, revelando, nesse uso como predicativo do sujeito, comportamento de adjetivo na fronteira com advérbio.

- (02) Ad nos veniunt *flentes*.  
[a nós chegam “chorantes”]

Como destaca Fava (1998), as possíveis traduções de (02) para o português não revelam o verdadeiro valor da forma *flentes*, “pois ora não preservam a noção de processo verbal em estado cursivo, ora não dão conta do sentido adjetival básico do PPres” (FAVA, 1998, p. 26). A opção pelo sufixo *-oso*, “a nós chegam chorosos”, é incompleta por não veicular a noção de aspecto cursivo, o que se consegue com o gerúndio (‘a nós chegam chorando’), que, por outro lado, não abarca o uso adjetivo dessa forma, uma vez que não concorda com o substantivo em número e caso.

Segundo Marouzeau (1910, p. 48), o particípio presente herdou duas características do particípio indo-europeu: a função verbal e a função nominal. Contudo, o latim tendia a conservar apenas a última. Para ele, a função verbal era forçosamente empregada no latim literário. Dias (2014) observa que, como verbo, o particípio latino apresentava as seguintes características: a) expressão de voz; b) manifestação relativa de tempo; c) veiculação de aspecto; d) obrigatoriedade de regência.

Por sua natureza, o PPres está diretamente relacionado à voz ativa. A expressão temporal do particípio presente é indicada pelo contexto, e não pela forma verbal, o que leva Marouzeau (1910, p. 50) a afirmar que o PPres é caracterizado por “neutralidade temporal”. Além disso, apresenta aspecto imperfeito / durativo e, de acordo com Dias (2014, p. 50), “a ação participial pode ser interpretada de acordo com a ação desenvolvida pelo verbo da oração principal, ou pelo emprego de um advérbio”. Nesse caso, o PPres “pode expressar as noções de simultaneidade (concomitância), de anterioridade, ou, ainda, de posterioridade” (DIAS, 2014, p. 50).

## 2. O *status* flexional do PPres em latim

Com base em Anderson (1992), podemos afirmar que o PPres constitui categoria gramatical em latim, funcionando, pois, como uma das flexões dos tempos do *infectum* (não realizado). Vários são os critérios empíricos usados para distinguir flexão de derivação que, relacionados ou não, nem sempre levam ao mesmo diagnóstico sobre o estatuto flexional/derivacional de uma marca morfológica (GONÇALVES, 2011). Assumindo, no entanto, que as principais diferenças são a relevância sintática

e a produtividade (STUMP, 1998), dois argumentos podem ser trazidos à tona para confirmar o estatuto flexional do PPres em latim: (a) a manipulação pela Sintaxe; e (b) a não existência de células vazias no paradigma que relaciona o verbo ao adjetivo verbal correspondente.

Se um contexto sintático apropriado leva à expressão das categorias flexionais, podemos afirmar que o uso da marca morfológica de particípio presente (a desinência *-nt* e sua variante *-ns*) é manipulado pela Sintaxe (ANDERSON, 1992). Nas gramáticas latinas (AGUIAR; RIBEIRO, 1925; FREIRE, 1992; CARDOSO, 1990), é frequente a informação do ambiente sintático que leva à expressão do PPres, o que revela uso compulsório da marca *-nt* em sentenças como (01) e (02) acima. Segundo Brandão (1933, p. 16), a presença de *-nt* “era obrigatória [grifo nosso] para predicar um estado do sujeito em sentenças com verbo principal de ação”, como se vê (03), a seguir, extraído de Brandão:

- (03) “Qui pro innocente dicit, satis est *eloquens*”.  
[Quem diz em favor de um inocente é bastante eloquente]

Gonçalves (2006, p. 80) destaca que em *legens ambulans* (“caminhas enquanto lê”), por exemplo, o PPres promove fusão oracional: “simultaneamente, tem-se a ação de caminhar e o estado em que um mesmo sujeito se encontra (em processo de leitura)”. Em outras palavras, a sintaxe força a seleção da marca morfológica de PPres, o que indica ser terminação obrigatória: tem uso compulsório, previsível, a partir de uma construção sintática (ANDERSON, 1992). Como marca flexional, *-nt* não pode ser substituído por alguma classe especial de formas simples, sem produzir mudança de significado na construção<sup>2</sup>.

Essa obrigatoriedade na expressão morfológica constitui outra especificidade da flexão, pois, como observa Gonçalves (2005), o significado das desinências não pode ser expresso por outros meios de manifestação que não a própria morfologia. Por outro lado, afixos derivacionais são opcionais, uma vez que podem ser substituídos sem que se modifique a construção sintática e/ou o significado. Como isso não acontecia com o PPres, tem-se, aí, forte evidência de seu comportamento flexional no latim clássico.

É novamente Brandão (1933, p. 17) quem nos informa sobre a impossibilidade de substituição do adjetivo verbal na sentença em (04) a seguir, dele extraída, uma vez que, “ao lado de sua função

<sup>2</sup> Como observa Gonçalves (2006), *legens ambulans* e *legendo ambulans* não eram sentenças sinônimas em latim, uma vez que a segunda não guardava o sentido adjetival da primeira.

principal de qualificar um substantivo, o particípio presente assegurava a integração sintática de sujeitos ou objetos correferenciais”, atribuindo, adicionalmente, “também a idéia de modo”<sup>3</sup>.

- (04) “Uidi eum *flentem*”.  
[“vi-o chorando; vi-o choroso”]

Freire (1992, p. 35), por outro lado, enfatiza a alta regularidade na produção das chamadas formas nominais, afirmando que “eram poucos os verbos que não apresentavam particípio presente correspondente, destacando-se os de sentido geral, como ir, vir, acabar e continuar”. Pelo comentário de Freire (*op. cit.*), é possível destacar (i) a alta produtividade de *-nt* na formação de adjetivos deverbais e (ii) a existência de um pequeno contingente de casos excepcionais ou anômalos.

Pelo depoimento dos gramáticos, podemos concluir que o PPres era realmente flexional em latim, pelo menos na variedade culta<sup>4</sup>. Entendida como propriedade inerente da palavra morfossintática (ANDERSON, 1992), essa informação gramatical era acessível à sintaxe (ou manipulada por ela) e, de aplicação bastante geral nos verbos latinos, apresentava poucas células vazias, sendo de uso regular e sistemático para toda essa classe de palavras. Esses requisitos autorizam atribuir estatuto flexional para a marca morfológica *-nt* (variante *-ns*).

Outra importante propriedade da flexão reforça a interpretação de que *-nt* se comportava como desinência no latim literário: as formações X-*nt* não constituem cabeças lexicais das construções de que participam, contribuindo, assim, com um significado secundário em relação à base verbal. Em outras palavras, são modificadores dos significados verbais, contribuindo, portanto, com informações gramaticais das bases a que se adjungem. Além disso, não revelam o impacto pragmático do falante, pois são estáveis semanticamente (AGUIAR; RIBEIRO, 1925), não se caracterizando pelo fenômeno da polissemia, que, como mostra Winter (2011), é exclusivo da derivação.

O estatuto flexional de *-nt* pode ser comprovado, ainda, pelos seguintes parâmetros, formulados por autores como Bochner (1984), Manova (2005) e Colnaghi (2006): (a) a não recursividade de aplicação do formativo e (b) a excludência (o uso de *-nt* descarta o de qualquer outra marca verbal), o que comprova concorrer o formativo com outros que expressam conteúdos gramaticais do verbo.

Por outro lado, já em latim, dois aspectos das formações com *-nt* chamam atenção: (a) seu uso como substantivo (mudança de classe) e (b) a existência de alguns casos de lexicalização, propriedades típicas da derivação (WINTER, 2011). Em relação à mudança de classe, o trabalho de Fava (1998) já

<sup>3</sup> Perceba-se, na tradução de (04), que o gerúndio torna a sentença ambígua, uma vez que ‘chorando’ pode estar relacionado ao sujeito ou ao objeto. O caráter adjetival do PPres não favorecia essa dupla interpretação, até mesmo porque havia concordância de caso.

<sup>4</sup> Freire (1992) acredita que o PPres tenha perdido espaço para o gerúndio já no próprio latim vulgar.

tangencia esse fato ao mostrar que, no plural do acusativo, caso de onde derivam as palavras das línguas da Romênia Ocidental, o adjetivo poderia “apresentar uso substantivo”, algo que ocorria mais frequentemente no plural, como se vê em (05), a seguir, extraído de Dias (2014, p. 43):

- (05) Prima et secunda acies ut uictis ac submotis resisteret, tertia ut **uenientes** substineret.  
 [A primeira e segunda linhas para que resistissem aos vencidos e aos que haviam batido em retirada, a terceira para que enfrentasse os recém-vindos].

Revela, ainda, que, também no nominativo singular, embora mais raro, os participípios presentes apresentavam uso substantivo (FAVA, 1998, p. 34):

- (06) Quot **amans** exemplis ludificatur.  
 [Todo amante ri do exemplo].

Através de pesquisa em obras escritas em latim, Marinho (2009) comprova que, de fato, vocábulos *X-nte* já começavam a ser empregados como substantivos. A seguir, temos um exemplo de *Pro Ligario*, retirado de Marinho (2009, p. 69):

- (07) ...vel quod delector ingenio que studiis eius, vel quod existimo laudem **adolescentis** propinqui redundare etiam ad aliquem fructum meum.  
 [...ou porque me deleito com o talento e com os empreendimentos dele, ou porque julgo que o louvor de um mancebo (meu) parente redundava ainda em alguma utilidade minha].

Em (07), *adolescentis*, no caso genitivo, apresenta uso substantivo, equivalendo a “mancebo”, “adolescente”. Cícero não emprega o vocábulo no contexto natural de participípio presente, que seria “que cresce, engrossa, aumenta”, conforme registra Saraiva (2006). Marinho (2017) reforça a presença desses substantivos na escrita, verificando verbetes de dicionários latino-portugueses, mais especificamente o de Saraiva (2006). Como se sabe, essas obras se espelham em escritores latinos, sobretudo os do período clássico. Em (08), todos extraídos de Marinho (2017, p. 74), registram-se alguns dos verbetes encontrados e seus respectivos usos substantivos.

- (08) a. ADJACENS, ENTIS:  
 Os arredores, as vizinhanças, os arrabaldes.  
 b. AUDIENS, ENTIS:  
 Auditor, ouvinte.  
 c. ERRANS, NTIS:

Errante, que sai do caminho, vagabundo.

d. LACTENS, ENTIS:

Criança que mama.

e. MENTIENS, ENTIS:

Mentiroso.

Vivas (2009) mostra que participios são instáveis categorialmente, não se comportando apenas como verbos; na verdade, sofrem flutuação categorial regular e sistemática, podendo ocorrer como verbo, adjetivo ou substantivo, o que valida a ideia de Spencer de que essas formas são quase universalmente caracterizadas por instabilidade categorial. Em suas reflexões sobre o participio passado em português, Vivas (2009, p. 76) conclui o seguinte:

Do ponto de vista de uma análise cognitivista, a pergunta que se coloca é a seguinte: que fatores motivam a flutuação categorial da forma de participio? Assume-se, antes de mais nada, que essa motivação deve ser de natureza semântica. Em segundo lugar, e mais especificamente, há o objetivo de demonstrar que essa flutuação está ligada a uma habilidade humana fundamental: a capacidade de “construir” uma mesma cena de diferentes maneiras. Além disso, será demonstrado, com base em Langacker (1987), que essas diferentes “construções” licenciadas pela forma de participio estão conceptualmente relacionadas. Este último ponto deverá servir como evidência adicional para uma das premissas mais importantes da linguística cognitiva: a motivação conceptual da gramática.

Marouzeau (1910) afirma que um adjetivo de participial podia ser substantivado, alertando, ainda, para a existência de um tipo excepcional de formação: por elipse. Esse processo ocorreu em perífrases formadas de um substantivo e um adjetivo, com a supressão do substantivo, como nos seguintes exemplos, extraídos de Dias (2014, p. 60-61):

- (09) Solem occidentem.  
 [Ocidente]  
 Serpens bestia  
 [Serpente]  
 Quod praesens  
 [Brinde, regalo]

Como se vê, a instabilidade categorial do PPres latino acabou levando a formas lexicalizadas, cuja interpretação deixa de ser composicional e passa a ser holística. Tal fato, acreditamos, engatilhou um processo de mudança no estatuto morfológico de *-nt* já na língua escrita. Conforme Bortolanza (2000), em seu estudo sobre o latim e o ensino de português, o uso do participio presente, com regime verbal, torna-se raro a partir do século II, ou seja, quando termina a fase clássica da literatura latina.

Apesar de já apresentar características tipicamente derivacionais (como a mudança de classe e a existência de formas lexicalizadas), a marca de PPres ainda assim exhibe muito mais propriedades da flexão, principalmente no que diz respeito à obrigatoriedade de expressão e à manipulação pela sintaxe. Por outro lado, os dados do latim já atestam a dificuldade de categorizar uma unidade morfológica como 100% flexional, o que reforça a ideia de categorização com base em protótipos (exemplares modelares, membros centrais de uma classe).

### 3. As formas *X-nte* no latim vulgar

A maior parte dos gramáticos latinos e dos linguistas que se dedicaram ao assunto acredita que o emprego do PPres era apenas literário e, na fala, já era amplamente utilizado o gerúndio. De acordo com Škerlj (1926, p. 30),

Até o fim da boa época se observa uma extensão muito sensível das funções, uma liberdade crescente do emprego; (...) Apesar de todos os sinais de uma existência vigorosa, nós temos toda razão de crer que esta vida do participio presente foi apenas literária.

Dias (2014, p. 71) afirma que “o artificialismo do emprego do participio presente fez desenvolver paralelamente formas concorrentes, que se estabeleceram pelo menos desde o latim imperial”. Sobre o emprego do gerúndio, Campos (1980, p. 13) chega a afirmar que

No período clássico, havia uma distinção nítida entre o gerúndio e o participio presente, porém, a partir do período imperial era comum encontrarem-se exemplos em que se usava um pelo outro, ou um ao lado do outro, exatamente com o mesmo valor sintático.

É novamente Škerlj (1926, p. 36) quem nos informa que, desde o início,

o ablativo do gerundivo estava em luta com o participio presente e que nos inícios da literatura, ele estava já em pleno uso na língua popular, provavelmente ao lado do participio presente, mas em todo caso nas funções que a língua clássica reservava a este.

Para Maurer Jr. (1959), o latim literário conseguiu dar “certa vitalidade” ao participio presente, mas a língua “vulgar” (*sic*), falada, “parece desconhecê-lo”. Marinho (2009), por outro lado, afirma que não devemos entender que palavras *X-nte* eram inexistentes na fala, pois vocábulos típicos de participio presente apresentavam uso “inusitado” de substantivo. Por meio da comparação entre línguas românicas, fornece elementos mais consistentes para determinar se os itens *X-nte* apareciam na fala e, nesse caso, qual era seu estatuto.

Marinho (2009) conclui que os diversos usos de vocábulos *X-nte* nas línguas neolatinas, diferentemente do participio presente, constituem reflexo dos novos empregos que essas palavras ganhavam na fala (latim corrente, falado). Como vimos, a utilização como substantivo era uma dessas inovações. O uso de *-nt* como agente é recorrente em espanhol, francês e italiano, o que sinaliza sua presença no latim vulgar:

Quadro 3 – Pequena comparação de formas *X-nte* nas línguas românicas.

PORTUGUÊS		ESPAÑHOL		FRANCÊS		ITALIANO	
ITEM	DATA	ITEM	DATA	ITEM	DATA	ITEM	DATA
Adolescente	1588	Adolescente	XV	Adolescent	XIII	Adolescente	1304
Amante	XIV	Amante	XV	Amant	XII	Amante	XIII
Falante	XIII	Hablante	XV	Parlant	XII	Litigante	XIV
Mendicante	XV	Mendicante	XIII	Mendiant	1210	Mendicante	XIV

Fonte: Adaptado de Marinho (2009).

O quadro acima, baseado em Marinho (2009), revela-nos que a datação dos dados do português encontra amparo nos itens apresentados para as línguas neolatinas. No espanhol, a pesquisa, feita em Corominas e Pascual (1985), aponta registro para ‘viajante’ no século XIII, sendo, pois, o item mais antigo. Em italiano, *amante*, segundo Cortelazzo e Zolli (1988), é o vocábulo que apresenta o registro escrito mais remoto, também do século XIII. Dubois *et al.* (1994) mostram que *amant*, do francês, é do século XII. Machado (1972) nos fornece a datação para o português. Como se vê, as línguas românicas já apresentam no século XIII vocábulos *X-nte* com significado de agente. Marinho (2017, p. 78) conclui, com base numa amostra bem maior que a aqui apresentada, que,

como é por volta dessa época que essas línguas se consolidam (quando definitivamente não mais podiam ser confundidas com o latim), temos aqui argumento de especial relevância para afirmar a presença da acepção no latim vulgar.

#### 4. As formas *X-nte* no português arcaico

Martins (2017) elaborou extensa pesquisa sobre as formações terminadas em *-nte* no português arcaico (doravante PA), utilizando, como amostra, o Corpus Informatizado do Português Medieval (CLUNL, FCSH-UNL). O acervo contém textos literários e não literários produzidos do século XII ao século XVI. Em sua coleta, distribuiu as formas *X-nte*, em termos de categorização lexical, em cinco grupos, a seguir exemplificados (MARTINS, 2017, p. 270):

1. Preposições  
e asy todos os outros homẽes, que os ofycios tem, **salvante** aquelles que tem obrigações andarem no campo. (séc. XVI, CRB)
2. Substantivos  
tem por todo este camynho muito arvoredado, que elrey mamdou por fazerem sombra aos **caminhantes**, e neste caminho mamdou fazer hũu pagode muyto fermoso de cantaria. (séc. XVI, CRB)
3. Adjetivos  
Ca **desobediẽtes** ssom os hom(ẽ)s assi quãdo os chamã ou enprazã os juizes (...) e nõ q(ue)rem vijr. (séc. XIV, PP)
4. Verbos  
Ego Orracha Rod(er)icj **temẽte** as peas do inferno de m(e)a pobra uoluntate feci mea mãda. (séc. XIII, CHP)
5. Casos de ambiguidade  
E quando esto ouuer dito meta hũu çirio beento **ardẽte** ena agua da p(ar)te que nõ arder rrogando a De(us) q(ue) enuij aaq(ue)la fonte a u(er)tude do Sp(ir)itu S(an)to. (séc. XIV, PP)

Em relação ao primeiro grupo, Fava (1998) já havia demonstrado a existência de um grande número de formas gramaticalizadas, aqui entendidas como elementos que passaram de itens lexicais para itens gramaticais, como preposições, advérbios e conjunções. Todas as formas listadas a seguir já apareciam no PA:

- (10) consoante  
(nã) obstante  
doravante  
(em) diante  
durante  
mediante  
(no) tocante (a)  
bastante

Como se vê, as formas em (10) se distanciam do significado do verbo e passam a funcionar como unidades mais gramaticais, na medida em que passam a constar de classes mais fechadas, em correlação direta com o estabelecimento de relações gramaticais. De acordo com Fava (1998), o uso desses itens gramaticais remonta ao PA.

Em PA, eram abundantes usos nominais das formas *X-nte*, sejam substantivos (11a, b, c) ou adjetivos (11 d, e), como se observa na pequena amostra a seguir, extraída de Martins (2017, p. 270):

- (11) a. Et se p(er) vent(ur)a foren ocupadas ou enba(r)gadas as d(i)tas capelanjas ou os d(i)tos meus h(e)rdeyros et seus **deçendent(e)s** asy p(er) b(is)po como p(er) cabidoo. (séc. XV)
- b. E, se ho **ordenante** e ordenado cheguam a este sacramento em pecado mortal a sabendas, pecã mortalmente. (séc. XVI)
- c. Os pecados da omyssom som estes: (...) as baralhas nom amanssar; os **ignorantes** nom inssynar; os afflictos nom consollar. (séc. XV)
- d. A e sabido ysto pollo capitão Meliquy niby foy muy alegre e **contente**. (séc. XVI)
- e. Consiirar que somos cõvidados a hũa çea **habundante** e muyto rica. (séc. XVI)

Os usos verbais, por sua vez, eram raríssimos em PA, o que mostra que a função de PPres se restringia a pouquíssimos casos (MARTINS, 2017, p. 271):

- (12) a. E, **estantes** as propiedades pesoaaes em rellaçom de hũa pessoa aa outra, e estante a rellaçom em ellas, fica em ellas o entender comum a todas. (séc. XIV, CI)
- b. Das cousas q(ue) uẽẽ come das outras q(ue) nc ssom uistas (...) e o Sp(ir)ito S(an)to **sainte** d'anbos, todos tres d'hũa natura e d'hũa ygualdade (séc. XIV, PP)
- c. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, **temẽte** o dia de mia morte. (séc. XIII, TL)

Dias (2014) é ainda mais incisiva ao afirmar a quase escassez de uso de *X-nte* como PPres em PA, pois sua amostra exclui os textos literários. Nas palavras de Dias (2014, p. 69), as raras ocorrências de uso verbal demonstram que, em PA, “refletem o uso extremamente formal, com influência direta do latim”.

Pelo que se expôs em relação ao latim falado e ao PA, podemos afirmar que *-nte* passou por um processo de desuso, permanecendo, na língua, apenas as formações gramaticalizadas e aquelas que já se apresentavam como substantivo, incluindo as lexicalizadas. Desse modo, deixa de se comportar como flexão, pois não é mais exigida pela sintaxe nem apresenta expressão morfológica obrigatória, uma vez

que a categoria gramatical a que se vinculava perdeu espaço para o gerúndio, o que culminou na perda de interpretação verbal e na fixação do valor nominal.

## 5. As formas *X-nte* no português moderno e contemporâneo

No português moderno (séc. XVII e XVIII) e contemporâneo (séc. XIX em diante), a construção *X-nte* forma palavras com caráter agentivo a partir de bases verbais, que podem ser distribuídas em três<sup>5</sup> grupos categoriais (cf. MARINHO, 2017)<sup>6</sup>: adjetivos (‘cortante’; ‘preocupante’), adjetivos/substantivos (‘contratante’; ‘fumante’) e substantivos (‘repelente’; ‘adoçante’).

Com relação ao comportamento morfossemântico, Marinho (2009, 2017) divide as palavras *X-nte* em três grupos produtivos, a saber, adjetivo puro, agente habitual e agente químico. Os *adjetivos puros*, como o nome já sugere, são palavras que funcionam apenas como adjetivo e cuja paráfrase mais genérica é “que X” (‘comovente’, “que comove”). O segundo grupo é composto por palavras que apresentam flutuação categorial, podendo funcionar como substantivos ou como adjetivos. São palavras que designam agentes que se caracterizam pela habitualidade da ação expressa pelo verbo base: ‘fumante’, ‘pedinte’ e ‘implicante’ designam indivíduos que frequentemente fumam, pedem e implicam, respectivamente.

É interessante notar que, embora sempre expressem uma ação habitual, duas paráfrases são necessárias a depender do comportamento categorial da palavra, se como adjetivo ou como substantivo. Assim, para os substantivos, a paráfrase mais geral é “Aquele(a)/Aquilo que X”, ao passo que para adjetivos, vale a paráfrase “que X”.

- (13) a. Os fumantes [aqueles que fumam] devem ficar daquele lado do restaurante  
 b. Pessoas fumantes [que fumam] têm mais chances de desenvolver doenças cardiovasculares

O terceiro grupo se destaca por designar substâncias químicas utilizadas e comercializadas para determinado fim, em geral, expresso pela base verbal. São casos como ‘alvejante’, ‘fertilizante’, ‘amaciante’, dentre outros, cuja paráfrase mais geral é “que serve para X” ou simplesmente “para X”. O autor chama a atenção para a mudança de significado dessas palavras quando em função adjetiva. Para

<sup>5</sup> Marinho (2009, 2017) inclui também dois outros grupos: os agentes profissionais (‘atendente’; ‘escrevente’) e os instrumentais (‘absorvente’; ‘trinchante’). Devido ao caráter não produtivo desses grupos e ao baixo número de dados, consideramos dispensável sua descrição para os propósitos do presente texto.

<sup>6</sup> Além de Marinho (2009, 2017), outros pesquisadores também se propuseram a estudar as construções *X-nte*, a exemplo de Miranda (1979), Basilio (1981) e Medeiros (2008). A descrição feita nesta seção toma por base apenas o trabalho de Marinho, por ser um dos mais recentes e, de certa forma, por retomar os trabalhos anteriores.

Marinho (2017, p. 62), em ‘Esse creme **hidratante** custa caro’, “[o] significado de agente químico aparece concentrado no substantivo ‘creme’ (...). Afinal, temos um ‘creme’ (agente químico) que hidrata”. Essas palavras perdem, então, o sentido de agente químico quando adjetivas.

Mais uma vez, podemos concluir, a partir dos dados e da descrição do autor, que o uso substantivo ou adjetivo faz emergir paráfrases distintas, “que serve para X”, no primeiro caso, e “que X”, paráfrase comum a todos os adjetivos *X-nte*, no segundo. Isso nos revela estreita relação entre comportamento morfossemântico e classe gramatical.

Em suma, a construção *X-nte* é bastante ativa na língua, formando adjetivos e substantivos deverbais. Na próxima seção, procuramos atestar o comportamento de *-nte* como unidade típica da derivação, abordando alguns critérios que tradicionalmente distinguem esses dois tipos de morfologia.

## 6. A recategorização de *-nte*

Vimos então que *-nte* nunca perdeu *status* de unidade morfológica, o que se comprova por meio de palavras como ‘jaze-nte’ - séc. XIII, ‘humilha-nte’ - séc. XV, ‘flameja-nte’ - séc. XVIII, ‘profissionaliza-nte’ - séc. XX e defriza-nte - séc. XXI, todas formadas em português<sup>7</sup>. No entanto, as construções *X-nte* não podem mais ser interpretadas como formas nominais do verbo, desde, pelo menos, o português arcaico. De fato, gramáticos do início do séc. XX em diante não fazem qualquer menção ao particípio presente (FIGUEIREDO, 1928; ROCHA LIMA, 1976; CUNHA; CINTRA, 1985; LUFT, 1988; apenas para citar alguns) e, se seus antecessores o fizeram, deve-se mais à tradição e ao tipo de gramatização da época do que ao real comportamento desse sufixo na língua.

Atualmente, o estatuto de unidade morfológica se constata não apenas pela sua possível isolabilidade, mas, sobretudo, por sua produtividade. Marinho (2017, p. 55), inclusive, destaca sua “alta produtividade na formação de adjetivos”, fornecendo dados inovadores e não dicionarizados como ‘ficante’ e ‘boiolante’. Isso dá mostra de que *-nte* forma novas palavras na língua, característica típica dos afixos derivacionais. Cabe, então, levantar as características morfosintáticas e morfossemânticas de *-nte*, que comprovem seu caráter derivacional na língua.

A primeira e mais relevante característica morfosintática que merece ser destacada se relaciona à perda da relevância sintática. É praticamente consensual a premissa de que afixos flexionais prototípicos apresentam relevância sintática (STUMP, 1998; WINTER, 2011). Anderson (1992, p.

---

<sup>7</sup> Em estudos diacrônicos, deve-se sempre separar as palavras formadas em português daquelas que são heranças do latim, a exemplo de ‘amante’ do lat. *amans*, *-antis*, part. pres. do v. *amare* ‘amar’.

74), por exemplo, afirma que “flexão é precisamente o campo em que os sistemas de regras sintáticas e morfológicas interagem”. Ao contrário de seu comportamento em latim, a construção *X-nte*, em português, não é manipulada pela sintaxe, não dependendo, por conseguinte, de contexto sintático apropriado para sua manifestação. Consequentemente, *-nte* perde obrigatoriedade e passa a ser de uso opcional<sup>8</sup>.

A perda da relevância sintática e a consequente não obrigatoriedade acarretam diminuição de sua aplicabilidade, deixando células vazias no paradigma. Por exemplo, para os verbos ‘ferir’, ‘perder’, ‘esconder’, ‘ser’ e ‘estar’, não há nomes *-nte* correspondentes (\*ferinte, \*perdente, \*escondente, \*sente, \*estante), assim como não há verbos correspondentes a ‘conivente’ e ‘frequente’ (\*conivir, \*frequentar). Esses são apenas alguns casos que mostram que a aplicabilidade de *-nte* não é exaustiva, tampouco categórica, resultando em paradigma assistemático, característico das derivações mais prototípicas.

Outra mudança em direção a um comportamento mais derivacional está relacionada à posição da cabeça lexical na palavra complexa. Nas formações *X-nte*, em português, o sufixo é o núcleo lexical da construção morfológica. Com base na paráfrase mais geral “indivíduo/aquilo que X” (‘estudante’, “indivíduo que estuda”; ‘difamante’, “aquilo/e/a que difama”), pode-se comprovar que a interpretação das palavras *X-nte* parte do afixo em direção à base. Como mencionado na seção 2, nas formações latinas, o padrão é DM-DT, ou seja, a cabeça lexical fica à esquerda, uma vez que o sufixo contribui com um significado secundário em relação à base verbal. Nos dias de hoje, o padrão estrutural das construções *X-nte* é DT-DM, com cabeça à direita, uma vez que o sufixo responde pela assinatura categorial (cabeça sintática) e pela interpretação genérica (cabeça semântica).

Mudança substancial da forma participial latina para a construção portuguesa se dá também na perda de suas características verbais, a saber, a manifestação de tempo concomitante, a veiculação de aspecto e a obrigatoriedade de regência (cf. seção 1). Tais mudanças, provavelmente/possivelmente, engatilharam a perda da relevância sintática. Ao perder características flexionais e assumir caráter mais derivacional, *-nte* passa a concorrer com outros sufixos derivacionais na formação de agentes. Tal concorrência afasta ainda mais *-nte* do âmbito da flexão, pois “quando há concorrência de estratégias para exteriorizar determinado conteúdo, o afixo deve ser analisado como derivacional” (GONÇALVES, 2011, p. 20). Ressalta-se ainda que a disputa não é apenas com outros sufixos, pois a morfologia não atua soberana na tarefa de materializar o conteúdo expresso por esse afixo, que pode ser substituído por outra forma de expressão que não a morfológica, sem prejuízo do significado.

---

<sup>8</sup> Cabe ressaltar que a opcionalidade deve ser entendida como uma consequência da não relevância sintática. Logo, não se trata de escolha em termos pragmático-discursivos e/ou de pressões comunicativas que se impõem ao falante, mas da não dependência de regras morfossintáticas para sua manifestação.



- (16) a. O rapaz teve uma atitude **boiolante**.  
 b. O filme é **eletrizante**, o ator é Tom Cruise, a missão é impossível!  
 c. A professora de Lingüística deu uma aula **viajante**!

Os adjetivos *X-nte* acima expressam avaliações subjetivas de seus locutores acerca (i) do comportamento do rapaz, considerado pelo falante como afeminado ou qualquer outro comportamento socialmente associado aos homossexuais; (ii) do gênero do filme, transmitindo a ideia de um filme dinâmico e empolgante, ou seja, um filme de ação; e (iii) da qualidade da aula, capaz de fazer o aluno “viajar”. Indiscutivelmente, há, nos três casos, a intenção de transmitir um julgamento avaliativo do locutor, pejorativo no primeiro caso e valorativo nos demais. Cabe observar que, embora as bases (‘boiola’, ‘eletrizante’ e ‘viajante’) já carreguem valores negativos e positivos, é a construção *X-nte* que permite a veiculação desses valores ao interlocutor, uma vez que a ideia de “como X / que X” (“como um boiola”; “que eletriza”; “que faz viajar”) emerge da construção.

Importante atentar para o uso metafórico de ‘eletrizante’ e ‘viajante’, que não se referem à condução de cargas elétricas tampouco a deslocamento no espaço, o que nos leva a mais uma característica de afixos derivacionais, a saber, a instabilidade semântica. Em outras palavras, na derivação, ao contrário da flexão, é muito comum o fenômeno da polissemia. A flexão, nesse quesito, é bem comportada e, por isso mesmo, semanticamente mais estável.

Por fim, parece comum que afixos derivacionais extrapolem seus limites categoriais mais comuns. A flexão prototípica não ultrapassa as fronteiras entre as categorias lexicais. As marcas de gênero e número, por exemplo, se anexam apenas a nomes, assim como as desinências de modo-tempo-aspecto e número-pessoa anexam-se somente a verbos.

Não é raro, no entanto, encontrar afixos derivacionais “pulando a cerca”, mesmo que apenas esporadicamente. O mais representativo em português é, sem dúvida, o sufixo *-inho*, que além de se anexar a nomes, como é comumente previsto, se anexa também a pronomes (‘euzinho’, ‘elazinha’), numerais (‘umazinha’, ‘doizinho’), advérbios (‘cedinho’, ‘longinho’), verbos no gerúndio (‘correndinho’) e até mesmo a construções maiores, como ‘até loguinho’.

O sufixo *-dor*, comumente descrito como formador de nomes deverbais agentivos, também tem formações que extrapolam seu limite de aplicação. Palavras como ‘lenhador’ nitidamente têm bases nominais. O mesmo acontece com *-nte*, que apresenta algumas formações com bases substantivas, a exemplo de ‘bandeirante’ (bandeira+nte), ‘feirante’ (feira+nte) e ‘cadeirante’ (cadeira+nte)<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> A análise por base verbal que não se atualiza na língua não nos parece adequada (BECHARA, 2005). No nosso entendimento, dificilmente o falante acessaria ‘feirar’ e ‘cadeirar’ para interpretar as formas com *-nte* correspondentes. Essa proposta seria apenas um artifício teórico para negar a existência de bases nominais associadas a *-nte*.

Juntamente com os outros aspectos até então analisados, a extrapolação dos limites categoriais comumente previstos para a palavra base coloca esse sufixo numa zona bem afastada da sua categoria de origem e mais próxima da derivação prototípica. Todas essas mudanças são substanciais e suficientes para que se possa afirmar que *-nte*, em português, está no rol da derivação.

Em todo processo de mudança, algumas características da construção original acabam por permanecer na construção decorrente. Além das características verbais de tempo, aspecto e regência obrigatória, o PPres latino apresentava também a expressão de voz. Em oposição ao particípio passado, passivo por natureza, as formas do PPres latino são ativas. Assim, no processo de recategorização, o sufixo sofreu várias alterações morfossintáticas e semânticas, mas herdou agentividade de seu antigo comportamento verbal.

A manutenção da agentividade nas formas *-nte*, no entanto, não é ponto pacífico. Basilio (1981) afirma que os adjetivos em *-nte* não atribuem agentividade aos substantivos a que se referem e, por isso, não estão em distribuição complementar com os adjetivos *X-dor*. Argumenta que estes, mas não aqueles, podem funcionar tanto como adjetivos quanto como substantivos e, por isso, apenas palavras *X-dor* podem ser agentivas.

Na outra mão, autores como Miranda (1979), Medeiros (2008) e Marinho (2009, 2017), defendem a presença de agentividade nas construções *X-nte*. Este último ressalta que

“[p]elos dados, não podemos afirmar que inexistem atribuição de agentividade pelos vocábulos *X-nte* (...). A caracterização da agentividade passa pela execução daquilo que é expresso pela base (que “*X*”). É inegável que uma “pessoa atraente” seja aquela que atraia ou que uma “cena comovente” seja aquela que provoque a ação de comover. (MARINHO, 2017, p. 65)

O autor salienta que vocábulos *X-dor* cumprem melhor a atribuição de agentividade que os *X-nte*, ao passo que a qualificação, a atribuição de característica, é mais bem cumprida pelos vocábulos *X-nte*. Conclui sua argumentação afirmando que

(...) o mais adequado seria afirmar que adjetivos *X-nte* atribuem agentividade aos substantivos a que se reportam, embora em grau menor quando comparados com adjetivos *X-dor*. Em contraste, adjetivos *X-dor* qualificam, embora os *X-nte* executem melhor esse papel. (MARINHO, 2017, p. 57)

A agentividade escalar proposta pelo autor converge com as conclusões de Almeida (1986), para quem as formas *X-nte*, sendo portadoras do traço [-volitivo], terão uma relação de maior subordinação à ação quando comparadas a agentivos cognatos (‘escrevente’/‘escritor’; ‘ouvinte’/‘ouvidor’; ‘falante’/‘falador’). Assim, na mesma esteira desses autores e com base na análise dos

dados, julgamos lícito e mais coerente afirmar que as formas *X-nte* mantêm, como herança de seu comportamento verbal, caráter agentivo, mesmo que em menor grau, se comparado a outros sufixos.

A alteração do acento da palavra base também é considerado critério balizador entre flexão e derivação. Afixos derivacionais, por geralmente portarem acento, desacentuam a base a qual se adjungem. Esse critério, porém, “não se mostra 100% eficaz, uma vez que a derivação pode não mudar a tonicidade da base e a flexão, por sua vez, imprimir deslocamento de acento” (GONÇALVES, 2019, p. 95). No que tange à mudança no estatuto categorial do PPres, esse critério, de fato, não nos revela nada, senão o fato de a pauta acentual de *X-nte* apresentar caráter conservador, revelando-se mais uma herança da construção original.

O sufixo *-nte* porta acento e muda acentuação da base, mas essa característica é apenas uma manutenção do acento latino. A vogal [e] (ou [a] nos verbos de 1ª conjugação) das formas de particípio presente latinos eram acentuadas (ans, *-āntis*; -ens, *-ēntis*; -(i)ens, *-(i)ēntis*; -iens, *-iēntis*), pois além de as vogais serem longas<sup>10</sup>, as sílabas de que eram núcleos apresentavam coda. Sendo, então, essas sílabas pesadas, eram, pois, obrigatoriamente acentuadas<sup>11</sup>.

A acentuação também deve ser entendida como característica da própria construção. Embora a representação mais comum do sufixo seja ‘-nte’, ou seja, sem a vogal do núcleo, essa vogal existe, faz parte da construção e sua corrente omissão em representações decorre apenas do fato de sua variação, ora [a] ora [e] ou [i], a depender da conjugação do verbo.

A prova de que essa vogal acentuada faz parte da construção é o fato de que, em latim, verbos de terceira conjugação que apresentavam vogais breves no infinitivo recebiam vogal longa no particípio presente (*capĕre* : *capīēntis*; *legĕre* : *legēntis*), fazendo com que a acentuação caísse na penúltima sílaba<sup>12</sup>. Essa característica se manteve, de modo que, em português, palavras *-nte* a partir de bases substantivas são paroxítonas, deslocando o acento da palavra base (*feira* : *feirante*; *cadeira* : *cadeirante*). Por sua vez, instanciam a vogal *-a*, ainda que não provenham de verbos, justamente por essa ser mais geral.

O afixo permanece também não recursivo e excludente, pois, além de não se reuplicar numa mesma palavra, não co-ocorre com outros sufixos agentivos. Recursividade e excludência, no entanto,

<sup>10</sup> Ressalta-se que isso ocorria mesmo com verbos de terceira conjugação, que apresentavam vogais breves no infinitivo (*capĕre* : *capīēntis*; *legĕre* : *legēntis*).

<sup>11</sup> A acentuação do latim clássico era previsível e sujeita a três regras: (1) não havia oxítonas em latim clássico, logo palavras dissílabas eram necessariamente paroxítonas; (2) palavras com três ou mais sílabas apresentavam a penúltima sílaba acentuada sempre que essa fosse pesada (com vogal longa ou coda preenchida); (3) palavras com três ou mais sílabas eram proparoxítonas sempre que a penúltima sílaba fosse leve.

<sup>12</sup> Cabe ainda considerar a descrição do particípio presente feita por Monteil (2003), para quem o sufixo seria *\*-e/on-*, característico de nomes de agente, seguido de uma ampliação *\*-t*, que se encontra nas formações de nomes de ação. A vogal, então, sempre fez parte do sufixo.



Resta ainda salientar que o PPres era um adjetivo verbal e, por isso mesmo, uma categoria essencialmente híbrida. Isso significa que, de certa forma, o sufixo formador de PPres, mesmo em seu estatuto flexional, apresentava uma forte propensão a gerar mudança categorial na base.

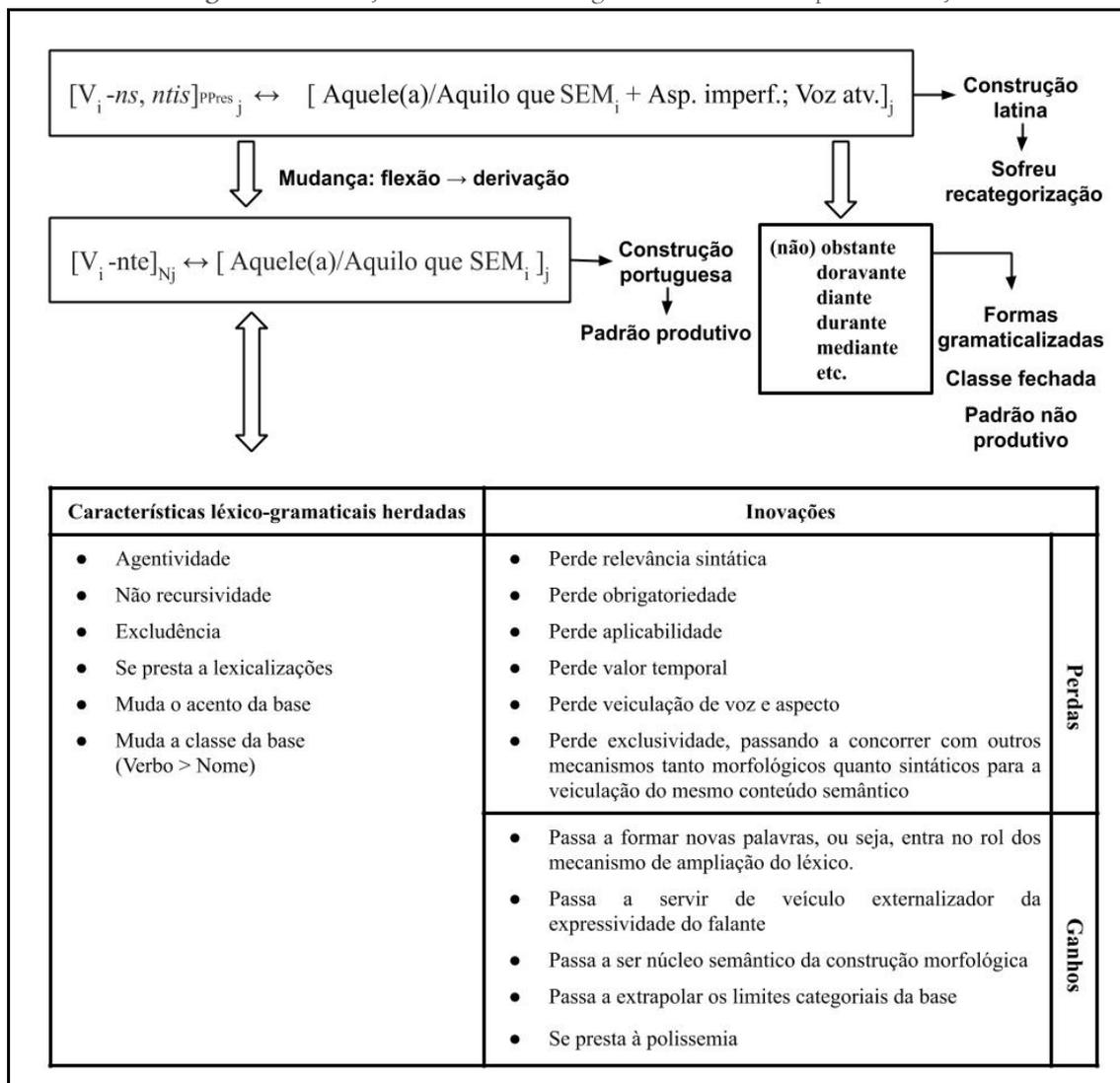
Em qualquer processo de mudança, vários fatores e de várias ordens vão convergindo, à medida que as alterações vão ocorrendo. Parece-nos, então, coerente afirmar que algumas propriedades já presentes no PPres impulsionaram a gradativa perda do comportamento verbal de *-nte*, empurrando-o, paulatinamente, em direção a um comportamento derivacional. São eles: (a) a própria natureza híbrida do PPres; (b) sua possibilidade de formações lexicalizadas; (c) a acentuação própria, mudando o acento da base; e (d) a presença de características mais tipicamente flexionais, porém não incompatíveis com afixos derivacionais, como não recursividade e excludência. Obviamente deve-se somar a isso fatores outros, não relacionados diretamente com o PPres como, por exemplo, a preferência cada vez maior pelo gerúndio para expressar noções semânticas e funções que eram exclusivas do PPres.

Tavares da Silva (2019) propõe que, em estudos diacrônicos, as representações devam explicitar as alterações sofridas pela construção, mostrando tanto as inovações quanto as características herdadas da construção de origem. A figura (01), por nós elaborada nos moldes de Booij (2010)<sup>15</sup>, representa e resume a discussão feita acerca da recategorização do sufixo *-nte*. Devido ao objetivo do artigo, as alterações e heranças analisadas se limitam àquelas que se relacionam ao processo mudança de estatuto morfológico do sufixo, da flexão para a derivação. Há vários outros aspectos que foram intencionalmente negligenciados como, por exemplo, a permanência do gênero latente, característica herdada da construção latina, uma vez que o PPres se comportava como adjetivo de 2ª classe uniforme, apresentando uma única forma para os três gêneros.

---

<sup>15</sup> Na formalização utilizada, SEM é interpretado como o *frame* evocado pela palavra-fonte. Os símbolos menor que e maior que (respectivamente, <, >) demarcam o esquema e a seta de mão dupla (↔) relaciona forma e significado no interior do esquema. Os subscritos i e j sinalizam que base e produto constam do léxico. Tanto o pólo formal (à esquerda) quanto do semântico (à direita) são demarcados por colchetes.

Figura 1 – Mudança de estatuto morfológico de *-nte* da flexão para a derivação.



Fonte: Elaboração própria.

Na parte superior da figura, está a construção do PPres. No polo semântico da construção latina, o conteúdo “Aquele(a)/Aquilo que SEM<sub>i</sub>” era o que garantia a correferencialidade de sujeitos. Em *Legens ambulans* [Caminhas enquanto lê], por exemplo, há expressa a ideia de um sujeito (tu) que lê enquanto caminha (que pode ser expressa hoje pelo gerúndio), mas também há a qualificação do sujeito como leitor, como tendo a propriedade de ser aquele que lê. Assim, com a perda das marcas verbais de aspecto e voz, permanece na construção derivada apenas o conteúdo que atribui estado. Como bem aponta Fava (1998, p. 141), “a função adjetiva foi favorecida pela correferencialidade de sujeitos”.

Conforme se observa na figura 1, a construção  $[ [V_i -nte]_{Nj} \leftrightarrow [Aquele(a)/Aquilo\ que\ SEM_i]_j ]$  deriva da construção latina, marcando a mudança categorial (de PPres para Nome), a perda das marcas verbais no polo semântico e sua atual produtividade na língua. No canto direito, estão as construções gramaticalizadas, que resultaram, em português, em advérbios, preposições e conjunções. Por serem

elementos de classe fechada, são formas cristalizadas na língua, constituindo padrão não produtivo. O quadro ligado pela seta dupla contém as características léxico-gramaticais herdadas da construção latina, bem como as inovações da construção portuguesa, que estão separadas em perdas e ganhos.

## Palavras finais

Esta breve descrição das formas X-*nte* reforça a idéia de que não há um limite intransponível entre flexão e derivação, confirmando, no plano diacrônico, a ideia de *continuum* entre as duas morfologias. A transição de *-nt* para a Morfologia Derivacional condiz com a premissa de Bybee (1985) sobre os chamados “determinantes da expressão flexional”: a perda da função verbal do PPres levou à baixa generalidade da afixação em *-nt*, implicando, em contrapartida, num grau maior de relevância do afixo para o conteúdo da base verbal. O aumento na relevância e a baixa na generalidade determinaram o distanciamento do afixo do extremo flexional, no *continuum* flexão-derivação.

## Referências bibliográficas

- AGUIAR, M.; RIBEIRO, G. **Gramática latina**. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1925.
- ALMEIDA, M. L. L. **Estudo sobre os agentivos formados por -DOR e -NTE**. Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ, 1986.
- ANDERSON, S. R. **A-morphous morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 62, 1992.
- BASÍLIO, M. **Re-estudo de agentivos**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1981.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.
- BOCHNER, H. Inflection within derivation. **The Linguistic Review** 3, p. 411-421, 1984.
- BOOIJ, G. **Construction Morphology**. New York: Oxford University Press, 2010.
- BORTOLANZA, J. O latim e o ensino do português. **Revista Philologus**, 18, p. 43-51, 2000.
- BRANDÃO, C. **O particípio presente e o gerúndio em português**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1933.
- BYBEE, J. **Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CAMPOS, O. A. S. **O gerúndio no português**. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1980.
- CARDOSO, Z. **Iniciação ao latim**. São Paulo: Ática, 1990.
- COLNAGHI, C. **Flexão e Derivação: um labirinto gramatical**. Passo Fundo: Ed. UPF, 2006.
- COROMINAS, J; PASCUAL, A. **Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico**. Madrid: Gredos, 1985.
- CORTELAZZO, M.; ZOLLI, P. **Dizionario etimologico della lingua italiana**. Bolongna: Zanichelli. 1988.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
- DIAS, E. F. **A evolução do particípio presente em português**. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- DUBOIS, J. et al. **Dictionnaire Etymologique et Historique du Français**. Paris: Larousse, 1994.
- FAVA, S. P. **Gramaticalizações do particípio presente**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- FREIRE, A. **Gramática latina**. Lisboa: Livraria A. I, 1992.
- FIGUEIREDO, C. **Gramática sintética da língua portuguesa**. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1928.

- GONÇALVES, C. A. V. **Flexão e Derivação em Português**. Rio de Janeiro: Ed. da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- GONÇALVES, C. A. V. **Pesquisas em Morfopragmática e Morfologia Histórica**. São Paulo: Booklink, 2006.
- GONÇALVES, C. A. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019.
- JOSEPH, B. Diachronic Morphology. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (Eds.). **The Handbook of Morphology**. Oxford: Blackwell, 1998, p. 351-73.
- LIMA, L. R. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- LUFT, C. P. **Gramática resumida: explicação da nomenclatura gramatical brasileira**. 10. ed., Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- MACHADO, J. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1972.
- MANOVA, S. Derivation versus Inflection in three Inflecting Languages. In: DRESSLER Wolfgang, U; KASTOVSKY, Dieter; PFEIFFER, Oskar; RAINER, Franz (Eds.). **Morphology and its Demarcations**. Amsterdam-Philadelphia: Benjamins, 2005. p. 233-252.
- MARINHO, M. A. F. **Do latim ao português: percurso histórico dos sufixos -DOR e -NTE**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdades de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- MARINHO, M. A. F. Abordagem histórica das formações X-nte em português. In: SILVA, N. H.; GONÇALVES, C. A. (Orgs.). **Novos Horizontes da Pesquisa em Morfologia**. São Paulo: Pontes, 2017, p. 44-71.
- MAROUZEAU, J. **L'emploi du participe présent latin à l'époque républicaine**. Paris: Librairie Ancienne H. Champion, 1910.
- MAURER JR, T. H. **A gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- MARTINS, C. Funcionamento verbal do participio presente no português antigo. **Gallæcia. Estudos de lingüística portuguesa e galega**. 8 (1), p. 267-285, 2017.
- MEDEIROS, A. B. **Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: Um estudo das Formas Participiais**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MIRANDA, N. S. **Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical**. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.
- MONTEIL, P. **Elementos de fonética y morfología del latín**. Traducción de Concépcion Fernández Martínez. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2003.

- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- SARAIVA, F. R. S. **Novíssimo Dicionário Latino-Português**. 12ª ed. Garnier: Belo Horizonte, 2006.
- ŠKERLJ, S. **Syntaxe du participe présent et du gérondif en vieil italien, avec une introduction sur l'emploi du participe présent et de l'ablativ du gérondif en latin**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1926.
- STUMP, D. Inflecton. In: ZWICKY, A.; SPENCER, A. (Eds.). **The handbook of morphology**. Oxford: University Press, 1998. p. 213-235.
- TAVARES da SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo booiijiano em terras brasílicas. **Macabéa** - Revista eletrônica do Netlli, v. 8, p. 109-135, 2019.
- VIVAS, V. de M. A instabilidade categorial do participípio passado: uma visão cognitivista. In: ALMEIDA, M. L. L.; FERREIRA, R. G.; SOUZA, J. L. L. (Orgs.). **Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português**. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p. 142-165.
- WINTER, C. Inflection and derivation. **Linguistics**, 48, p. 481-581, 2011.